

## **Estudos Galego-Brasileiros 2**

Francisco Salinas Portugal.  
M<sup>a</sup> do Amparo Tavares Maleval.

A Coruña, 2006

Universidade da Coruña  
Servizo de Publicacións

# Índice

|   |     |
|---|-----|
| <b>PRESENTACIÓN</b> .....   | 7   |
| <b>ESTUDOS BRASILEIROS</b>  |     |
| <b>M<sup>a</sup> do Amparo Tavares Maleval</b> .....  | 9   |
| <i>Brasilidade plural: a título de apresentação.</i>  |     |
| <b>1.- Délia Cambeiro</b> .....   | 17  |
| <i>Metamorfose e permanência na figura literária do soter, em a Casca da Serpente, de José J.Veiga.</i>       |     |
| <b>2.- Sérgio Nazar David</b> .....   | 47  |
| <i>Machado de Assis: escritor pessimista?</i>   |     |
| <b>3.- Nadiá Paulo Ferreira</b> .....   | 71  |
| <i>O inferno do homem são os afetos que se enterram na alma.</i>  |     |
| <b>4.- Carlinda Fragale Pate Nuñez</b> .....  | 103 |
| <i>A poética do mito no teatro brasileiro.</i>  |     |
| <b>5.- Marcus Alexandre Motta</b> .....   | 127 |
| <i>Sertão, Mentira e Desatino: emergência literária em Guimarães Rosa, Antônio Vieira e Machado de Assis.</i> |     |
| <b>6.- João Cezar de Castro Rocha</b> .....   | 145 |
| <i>É possível reler Teixeira e Sousa? novas perspectivas do romance em países “peri-féricos”.</i>             |     |
| <b>7.- Maria Helena Sansão Fontes</b> .....   | 157 |
| <i>Ressonâncias da tradição satírica galego-portuguesa no moderno cancionero popular brasileiro.</i>          |     |
| <b>8.- Maria do Amparo Tavares Maleval</b> .....  | 183 |
| <i>Tradição medieval e “brasilidade” no teatro nordestino.</i>  |     |
| <b>9.- Flavio García</b> .....  | 209 |
| <i>Tendências da narrativa curta de Murilo Rubião e Méndez Ferrín percursos estéticos aproximativos.</i>      |     |
| <b>10.- José Carlos de Azeredo</b> .....  | 225 |
| <i>Lugares da língua na crônica de Carlos Drummond de Andrade.</i>  |     |

|  |     |
|--|-----|
| <b>ESTUDOS GALEGOS</b>   |     |
| <b>Francisco Salinas Portugal</b> .....  | 241 |
| <i>A maneira de presentación: Lingua e literatura como signos dun proceso.</i>                                       |     |
| <b>1.- Xosé Manuel Sánchez Rei</b> .....   | 249 |
| <i>A emerxencia da lingüística galega no século XIX.</i>   |     |
| <b>2.- Xosé Ramón Freixeiro Mato</b> .....   | 271 |
| <i>A emerxencia da conciencia lingüística (galego-portuguesa-brasileira) en Murguía e Castelao.</i>                  |     |
| <b>3.- Goretti Sanmartín Rei</b> .....   | 297 |
| <i>A contribución do discurso xornalístico de Ramón Vilar Ponte ao proceso de emerxencia do Segundo Renacemento.</i> |     |
| <b>4.- María Pilar García Negro</b> .....  | 325 |
| <i>Ensino e realidade: de Sarmiento a Castelao.</i>  |     |
| <b>5.- Francisco Salinas Portugal</b> .....  | 349 |
| <i>A literatura galega e os contornos da identidade.</i>   |     |
| <b>6.- Carme Fernández Pérez-Sanjulián</b> .....   | 365 |
| <i>A literatura de viaxes nos contextos de emerxencia literaria: o caso galego.</i>                                  |     |
| <b>7.- Laura Tato Fontaiña</b> .....   | 389 |
| <i>Unha novela de formación: Intres, de Luis Manteiga.</i>   |     |
| <b>8.- Carlos Paulo Martínez Pereiro</b> .....   | 405 |
| <i>Da palabra á (cali)grafía en Uxío Novoneyra: Influencias interculturais e afluencias plástico-escriturais».</i>   |     |
| <br><b>CONFERENCIA</b>   |     |
| <b>Abel Barros Baptista</b> .....  | 429 |
| <i>Esquema de capítulo que escapou a Aristóteles.</i>  |     |

## *Presentación*

Como continuación do libro *Estudos Galego-Brasileiros* publicado no Rio de Janeiro en 2003, hoxe damos a lume estes *Estudos Galego-Brasileiros 2* que recollen os contributos do grupo de profesores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do grupo da Universidade da Coruña que foron expostos no Encontro de investigadores que decorreu na Universidade da Coruña en Novembro de 2004.

Baixo a epígrafe xeral da *Emerxencia lingüística e literaria na Galiza e no Brasil* os resultados das investigacións que aquí presentamos insérense en proxectos de colaboración interuniversitaria que, tendo surxido de convocatorias do Ministerio de Educación español e da CAPES do Brasil para a realización de seminarios iniciados en 2003, teñen vocación de continuidade a través de publicacións conxuntas como a presente e doutras colaboracións en publicacións periódicas ou elaboración en teses de doutoramento e de mestrado.

Este volume contén tamén o texto do profesor Abel B. Baptista, da Universidade Nova de Lisboa que foi convidado para abrir o Encontro ao que antes fixemos referencia, encontro no que participou tamén o Profesor Vitor M. Aguiar e Silva.

Como editores deste libro, queremos agradecer o apoio que deu a esta publicación a Embaixada do Brasil en España, agradecemento que se estende ao Servizo de Publicacións da Universidade da Coruña e á área de Filoloxías Galega e Portuguesa desta mesma Universidade.

M<sup>a</sup> do Amparo Tavares Maleval  
(UERJ)

Francisco Salinas Portugal  
(UDC)

Parece óbvio a qualquer observador menos desatento que a unidade na diversidade constitui a grande característica do Brasil. Multiplicidade de etnias e culturas, multiplicidade de regionalismos, mas uma língua única, que é o traço definidor por excelência de um povo, abalada em seus usos muito mais pela diferença de classes sociais, pela abissal desigualdade entre os poucos muito ricos e os muitos extremamente pobres, além de pelas línguas da globalização, do que pelas diversidades apontadas, etno-culturais.

Os estudos escritos por professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, reunidos neste volume inscrito no âmbito do Projeto de Cooperação Internacional com a Universidade da Corunha, se debruçam sobre variadas facetas da nossa língua literária, da nossa literatura, em perspectivas diferenciadas. Apresentam-se iniciando pelos dois estudos que se propõem, de forma mais direta, pensar a questão da emergência literária, com base em obras fundacionais; em seguida vêm os três estudos que observam o diálogo do presente com o passado na nossa literatura, desde a Antiguidade Clássica à Idade Média e ao Barroco, inseparáveis da constituição do nosso processo cultural; parte-se daí para o enfoque ao Machado crítico do mundo oitocentista, século que em seus fins presenciou a utopia da Canudos de Antônio Conselheiro, do qual o estudo seguinte apresenta duas visões; após essa reflexão sobre o mito soteriológico e sua desconstrução, apresenta-se uma observação do fantástico, através de estudo comparado de obras do século XX, de autor brasileiro e galego; e o estudo final se debruça sobre a nossa língua plural em seus usos, com base no poeta Drummond novecentista-de-todos-os-tempos. Seguindo essa seqüência, apresentamos a seguir a sùmula de cada texto, vem seguirmos necessariamente a ordem de apresentação.

O estudo de João Cezar de Castro Rocha tematiza a questão do romance fundacional no Brasil. Sob o título “Como e por que reler Teixeira e Sousa ou reescrever a história do romance no Brasil”, propõe uma releitura de dois romances de Teixeira e Sousa, *O filho do pescador* e *As tardes de um pintor*. A partir daí, apresenta formas para a reescrita da história da gênese do gênero romance na literatura brasileira com base nas seguintes hipóteses: 1) Associar a gênese do gênero romance com a própria configuração do sistema literário nas circunstâncias históricas brasileiras; 2) Associar a gênese do gênero romance com a ideação do público leitor, tal como pode ser identificada no textos e nos paratextos dos dois romances de

Teixeira e Sousa acima mencionados; 3) Associar a escrita de romances no Brasil especialmente com a leitura da tradição romanesca, que já era muito rica na literatura européia.

Tais hipóteses, frisa o estudioso, apóiam-se na necessidade de ampliar os estudos da história literária brasileira mediante análise comparativa, tendo em vista que a gênese do gênero romance no Brasil somente será melhor compreendida a partir da sua comparação com a gênese do romance em outros contextos culturais. Para tanto, parte do princípio que o escritor brasileiro, desde os primórdios do que se pode denominar “literatura brasileira”, é, antes de tudo, um leitor da tradição ocidental e, por isso mesmo, o esforço de criar o romance no Brasil levou em consideração a história do romance europeu. Daí a necessidade de uma abordagem comparativa.

Também Marcus Alexandre Motta trata da questão da emergência literária, desta feita em três autores e momentos da nossa história literária. Em “Sertão, mentira e desatino: a questão da emergência literária em Guimarães Rosa, Antônio Vieira e Machado de Assis”, estabelece uma reflexão sobre a possibilidade de se pensar a institucionalização da Literatura a partir da noção de emergência literária, reconhecendo a herança teórica proveniente de Guimarães Rosa, Antônio Vieira e Machado de Assis, particularmente em *Grande Sertão: Veredas*, *História do Futuro e Memórias Póstumas de Brás Cubas*, respectivamente. Tais obras teriam sua síntese nas palavras **sertão**, **mentira** e **desatino**, imbricadas umas nas outras. Destaca-se que são palavras relacionadas à dor e, portanto, ao sofrimento, à violência, a perdas, particularmente quando delas se espera que sustentem as idéias que apresentam.

Então, observa que a aptidão dessas três palavras é inventariar o problema que sustenta a Literatura como emergência literária - sem sequer poder sair deste dilema. Assim, se elas tendem a abordar as idéias que apresentam, mostrando-se incapazes de expressá-las completamente, é porque os seus significados primários sempre simulam uma outra Nação da qual descender, criando um tipo de reversão que impõe, como ato de descontinuidade histórica, a aversão ao estatuto histórico da Literatura. Ou seja: tornam a ação literária uma evidência de futuro, ou de arcaico pretérito, que se mantém declarável por não constituir uma herança literária; portanto, exigem uma Nação que se faça por argúcia das perdas.

A Antiguidade revisitada, como marca da nossa literatura, será o objeto do estudo de Carlinda Fragale Pate Nuñez, intitulado “A poética do mito no teatro brasileiro”. Nele, parte da constatação de que, a exemplo do que ocorre na dramaturgia internacional, o teatro brasileiro contemporâneo também tem na reatualização dos mitos greco-latinos um fecundo veio temático, recorrentemente explorado.

Levando em conta o teatro latino-americano em geral, observa que uma peculiaridade sobressai no repertório das peças teatrais brasileiras: enquanto se pode confirmar uma predileção dos dramaturgos hispanófonos por determinados temas/mitos (e Antígona seria a campeã do protagonismo nos palcos latino-americanos), bem como uma maior recorrência ao trágico, o teatro brasileiro vem explorando uma ampla variedade de heróis e heroínas míticas e tem privilegiado as realizações não-trágicas, nas suas adaptações cênicas dos enredos míticos, mesclando o gênero e a fórmula tradicional da tragédia de modo bastante arrojado.

Com base na dramaturgia dos brasileiros Jorge de Andrade, Vinicius de Moraes, dos parceiros Chico Buarque de Hollanda e Paulo Pontes, e pelo ainda relativamente pouco conhecido Carlos Henrique Escobar, demonstra que cada qual, abordando o trágico pelo viés da

história, da poesia popular, da crítica social ou da filosofia política, ilustra uma faceta desta flexibilidade do gênero, em suas atualizações contemporâneas. Do mesmo modo que a fórmula cômica, em mãos que souberam tirar proveito da tradição perdida de Aristófanes e de Plauto, transformou Guilherme Figueiredo, Augusto Boal e Ariano Suassuna em mestres do gênero. Mas, acentua a autora, o grande teatrólogo da literatura brasileira, trágico e farsesco a um só tempo, é, sem dúvida, Nelson Rodrigues, que se baseou exclusivamente nas psicopatologias familiares e numa incomum capacidade de exploração da teatralidade, para reinventar a tragicidade à brasileira.

O passado, desta feita o medieval, também é perscrutado por Maria Helena Sansão Fontes no seu estudo, que trata das “Ressonâncias da tradição satírica galego-portuguesa no moderno Cancioneiro popular brasileiro”. Começa por lembrar as fontes clássicas da sátira medieval, bem como a de outras culturas, como a árabe, tão importante na Península Ibérica a ponto de tornar polêmica a origem da poesia trovadoresca galaico-portuguesa. Passa daí para a caracterização das cantigas de escárnio e maldizer, mostrando a revitalização de alguns dos seus aspectos na moderna música popular brasileira.

Parte da evidência de que a tradição satírica, atualizando-se através dos mais variados gêneros e formas poéticas, encontra no Brasil um espaço ideal para se expandir. Isto porque, ressalta a autora, dentro das marcas identitárias do povo brasileiro encontra-se a capacidade de transformar em pilhérias e sátiras os sentimentos diante de situações político-sociais provenientes de desmandos do poder ou condições precárias de sobrevivência. Esse típico bom humor do povo brasileiro, observável sobremaneira nas camadas mais populares, encontra sua expressão veiculada especialmente através da canção popular, seja a marchinha de carnaval do início do século ou a música popular que se immortaliza pela consagração de compositores e intérpretes como representantes das camadas menos favorecidas socialmente. Dentre os mais destacados desses compositores citam-se Noel Rosa, nas décadas de vinte e trinta, e Chico Buarque de Holanda, na atualidade. Através de exemplos dos seus cancioneiros, comprova-se que souberam magistralmente transformar, através do chiste e da sátira, fatos universalmente considerados tragédias, atenuando pelo cômico e o burlesco o peso e o sofrimento causados pelos dramas sociais e pelas mazelas políticas, o que confirma a teoria de André Jolles sobre o chiste, enquanto forma desatadora de nós.

Da mesma forma, a Idade Média enquanto *arché* da nossa literatura é objeto do estudo de Maria do Amparo Tavares Maleval, intitulado “Tradição medieval e ‘brasilidade’ no teatro nordestino”. Nele, é ressaltada a preocupação do teatro do Nordeste do Brasil com a questão da identidade nacional, pela via do regionalismo; lançando mão da cultura popular, coloca em cena personagens que, principalmente através de um discurso coloquial, repleto de provérbios, frases feitas, etc., satirizam o contexto, a ordem social vigente, os valores. Mas o destaque é dado, sobretudo, à constatação de que muitos aspectos caracterizadores do teatro medieval são nele atualizados.

Os autos selecionados para análise foram *Morte e vida severina*: auto de Natal pernambucano, de João Cabral de Melo Neto, e *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, ambos do século XX. Neles são observados aspectos formais, temáticos e contextuais que os relacionam com os Autos medievais, notadamente com as moralidades e as farsas, perpetuadas em língua portuguesa por Gil Vicente. Este, como sabemos considerado o ‘criador’ do